

“É o jeito vender”: coletores, marreteiros e o trabalho no manguezal em Bacuriteua (Pará – Brasil, 1975-2010)

Alexandre de Brito Alves

Universidade Federal do Pará
Belém – Pará – Brasil
alexandrehistoria2010@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo discute a relação comercial entre os coletores (mariscadores) e os marreteiros (compradores) no ciclo produtivo de caranguejo-uçá, *Ucides Cordatus* (LINNAEUS, 1763) na Vila de Bacuriteua, Nordeste do Estado do Pará. O estudo é importante pelo fato de nos últimos anos, em função de políticas criadas na década de 1970 para o desenvolvimento do ecoturismo local e pelo fato de o manguezal ter sido afetado pelos projetos de urbanização de Bragança, com efeito, cresceu o número de pessoas trabalhando em seu interior. Assim, o texto aborda as mudanças nas interações econômicas dos sujeitos sociais que residem naquele território.

Palavras-chave: Manguezal. Coletores. Marreteiros. Interações econômicas. Ecoturismo.

Introdução

Os manguezais são ecossistemas costeiros de regiões intertropicais, que geograficamente subsistem entre a terra e a água, mais especificamente entre a água doce e a água salgada (SOFFIATI, 2004). Quanto às suas biodiversidades ecológicas, se despontam como ambientes ricos em nutrientes orgânicos, além de serem adequados para a reprodução de diferentes espécies de peixes, moluscos e crustáceos. Por serem propícios à reprodução de faunas que podem ser consumidas e comercializadas, um grande número de pessoas, geralmente residentes de comunidades em suas proximidades, os utilizam como fonte de renda. Este tipo de dependência é observado na Vila de Bacuriteua (Pará, Brasil)¹,

¹ Vila localizada a cerca de 08 km de Bragança (PA). Tem uma população de 2.488 habitantes. Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

onde a população, que vive nas margens do rio Caeté², usa o caranguejo-uçá como principal meio à sobrevivência. Isso decorre do fato da região costeira “Caeteuara” abranger uma área de 220 km² de manguezal, sendo a segunda maior do Norte do Brasil (WOLFF; KOCH; ISSAC, 2000). A grandiosidade geográfica permite que muitas pessoas, diariamente, entrem no mangue³ em busca de recursos para poderem comercializá-los.

Em decorrência do reconhecimento de que o manguezal é fundamental à sobrevivência do homem, tanto no passado como no presente, é que se busca, nesse artigo, analisar as ações humanas em seu interior. Com efeito, é com o intuito de compreender as dinâmicas econômicas no nicho ecológico em foco é que, desde de 2010, realiza-se pesquisas em Bacuriteua. Nesse lugar, muitos sujeitos sociais vivem da extração e da venda de caranguejo, comércio que perpassa a localidade, haja vista que é realizado em outras cidades do Pará como Belém, Paragominas, Ourém, Capitão-Poço, Augusto Corrêa, etc. Desse modo, se procurou observar como é a interação socioeconômica desses sujeitos sociais no presente e de que maneira eles criam estratégias para sobreviverem desse comércio. A perspectiva com isso é historicizar suas histórias de vida, percebendo as mudanças e as permanências em suas práticas de trabalho cotidianas.

O recorte da pesquisa decorre em função de terem ocorrido mudanças nas práticas da coleta e da venda do caranguejo, produto de investimentos do Estado na urbanização da localidade, com a criação de rodovias para facilitar o transporte. Uma das principais inovações foi a criação da estrada que liga Bragança à praia de Ajuruteua na década de 1970. A via, que representava, à época, o símbolo do progresso, foi construída pelo interior do manguezal, justamente o lugar onde os coletores utilizavam para a realização de suas atividades de extração do caranguejo (ALVES, 2014). A circulação dos meios de transportes, o aumento no fluxo de pessoas e as novas demandas sociais possibilitaram mudanças nas formas de coleta desse crustáceo.

Os métodos utilizados para as questões desse estudo foi a “documentação oral”, visto que se manteve contato com 11 trabalhadores da localidade. O objetivo, com isso, foi ouvir suas histórias de vida, suas experiências enquanto trabalhadores do mangue e, sobretudo, as relações de poder constituídas para os êxitos nas empreitadas cotidianas. Suas reminiscências foram essenciais para percebermos as mudanças que ocorreram em suas práticas de trabalho nos últimos anos do século XX. Com base nesse método de investigação, elucida-se que a vantagem da história oral é lidar com pessoas vivas, que

² O estuário do rio Caeté localiza-se na região norte do Brasil, e está situado a aproximadamente 150 km ao sudeste do rio Amazonas, sendo caracterizado por águas turbidas com profundidade máxima de 10 metros (MESQUITA *et. al.*, 2006).

³ O mangue constitui as espécies vegetais do ecossistema manguezal.

podem lembrar de fatos passados e conseqüentemente interligá-los ao presente. Assim, o historiador, quando trabalha com lembranças individuais pode perceber as recordações compartilhadas e assim conhecer a pluralidade das relações no presente e no passado.

Portelli (1997) orienta que a metodologia da História Oral é útil na compreensão das classes não hegemônicas, onde o domínio da escrita não é predominante. Nesses grupos a cultura oral tem função social importante para a transmissão dos saberes, das ideologias políticas e das crenças. Em uma linha teórica verossimilhante, Joutard (1998, p. 33) discorre que a História Oral nos possibilita “dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos”. Isso significa que o historiador os auxilia falar de suas ilusões/desilusões, certezas/incertezas, amores/ódios, enfim, uma série de idiossincrasias que só podem ser percebidas pela oralidade, através das expressões alegres, tristes e silenciosas que se manifestam a cada lembrança. Obviamente que o pesquisador utiliza as vozes e as transcrições como fonte, o que requer, nesse caso, a submissão das mesmas ao cruzamento crítico na tentativa de compreender o processo histórico.

Com efeito, explana-se que o conhecimento histórico pode ser tecido a partir das experiências dos sujeitos sociais, de suas visões de mundo, de suas ânsias, de seus sonhos e de seus medos, características notadas no contato com os trabalhadores do manguezal, que nesse estudo são denominados coletores e marreteiros de caranguejo.

O Homem e o manguezal

O manguezal não é um ambiente separado das interações humanas. Os homens, há muito tempo, usam seus recursos como meio à sobrevivência, posto que os indígenas já o utilizavam como ambiente de caça e de pesca. Maciel (1989 *apud* MANESCHY 2003, p. 142) escreveu que os “primitivos Sambaquis”, que habitavam o litoral brasileiro, usavam esse meio para encontrar alimentos, tais como: “ostras, mexilhões, siris, caranguejos, peixes, além de répteis, aves e mamíferos”.

A rica biodiversidade permite aos homens circularem no ecossistema em busca de recursos para sobreviver. De acordo com Vannucci (2002) o homem começou a utilizar os manguezais como fonte de alimento e de moradia. Para a autora, o *Homo Sapiens Sapiens* se adaptou, ao longo do tempo, a esse nicho ecológico, vivendo em suas margens, e o utilizou para diferentes fins como: a caça, a pesca e a agricultura. Ela lembra-nos que este ambiente não é apenas utilizado para a obtenção de recursos para a alimentação, ele também inquiriu outras funções como o uso de suas plantas e ervas para práticas de medicinas populares

(Fitoterapia). Esse tipo de técnica curativa é utilizado principalmente pelas comunidades tradicionais que habitam as localidades próximas (VANNUCCI, 2002). A flora também é muito explorada, pois as florestas de mangue são utilizadas para a obtenção de madeiras “usadas na construção de casas, cercas, armadilhas de pescas, lenha e carvão” (MANESCHY, 2003, p. 142).

A dependência do manguezal foi notada durante as pesquisas em Bacuriteua, onde é frequente encontrar pessoas e famílias que tiram seus sustentos dos recursos desse ecossistema costeiro. A representação social construída de que o manguezal é providência divina, isto é, serve para “todo mundo”, somada à facilidade de acesso faz com que diariamente um grande número de pessoas nele entrem. As ações desses trabalhadores têm como fim a captura de caranguejo-uçá *Ucides Cordatus* (LINNAEUS, 1763), espécie predominante na localidade. Esse crustáceo é muito consumido pelos habitantes das regiões Norte e Nordeste do Brasil, tem grande procura no mercado consumidor e isso faz com que as pessoas busquem capturá-los para fins monetários. A Zona Costeira Bragantina é onde ocorre grande comercialização de caranguejo e os habitantes de comunidades rurais estão diretamente envolvidos nesse comércio.

Os manguezais, assim como outros nichos ecológicos, têm sofrido com as ações antrópicas. Isso ocorreu com frequência no século XX, principalmente em razão das ações de governos e de Estados, que com suas políticas desenvolvimentistas engendraram grande destruição na fauna e na flora. Os principais causadores de impactos a esse ecossistema são a criação de rodovias, a expansão da agricultura e a urbanização que destroem suas florestas, produto, principalmente, de políticas interessadas em desenvolver o ecoturismo. O manguezal da Zona Costeira de Bragança também passou por processo semelhante de destruição em razão da construção da estrada Bragança-Ajuruteua, que extinguiu grande parte de sua floresta, principalmente no km 17, “gerando um grande desequilíbrio no fluxo híbrido e, conseqüentemente, afetando a vegetação e a fauna característica de boa parte dos manguezais por onde a rodovia foi construída” (PEREIRA; ANDRADE & FERNANDES, 2006, p. 78). A rodovia começou a ser edificada na década de 1970 e sua fundação ocorreu em 1983, quando o Pará estava sob a administração de Jader Fontenele Barbalho. Em 1991, quando do retorno do político ao poder, realizou-se o asfaltamento final da rodovia, tal qual os reparos nas pontes que a cortam (CAMPOS, 2013).

Alves (2014) escreveu que a principal motivação para a construção dessa rodovia foi o interesse da classe empresarial e política de Bragança em desenvolver o turismo na região. Para o autor havia a perspectiva entre a elite nos anos de 1960 e 70 em aproveitar as belezas naturais de Ajuruteua em prol da expansão do turismo local e acreditava-se que a obra

possibilitaria o crescimento econômico de Bragança. Esse debate foi recorrente nas Reuniões da Câmara legislativa, onde os vereadores requeriam a necessidade de abrir a via e permitir o trânsito de pessoas à praia. Esse pressuposto também é discorrido na dissertação de Oliveira (2015, p. 24), quando destaca que:

Com interesses em atrair turistas, contaminados por um ufanismo regionalista e uma ideia de natureza abundante, forjou-se a construção de um espaço, por meio do discurso, onde a paisagem natural seria predominante, o que permitiria sua contemplação e exploração.

Oliveira (2015) pondera que o turismo, na década de 1970, era considerado, pelos jornalistas, poetas, políticos e empresários como uma “esperança” em fortalecer a economia de Bragança, uma vez que a cidade tinha “perdida” a Estrada de Ferro que desde 1908 a ligava à Belém. A mesma foi desarticulada na década de 1960, causando déficit significativo na balança comercial da localidade. Segundo Silva (2006, p. 18) a ferrovia:

Assegurava a exportação e valorização dos produtos da roça, o que contribuía para o surgimento de uma classe endinheirada, capaz de financiar nas décadas de 20, de 30, de 40 e de 50 uma elite intelectual produtora de jornais e revistas, criadora de grêmios e associações recreativas e culturais, tudo reflexo da opulência agrícola e comercial.

A ferrovia, durante 58 anos, foi o principal meio de escoamento da produção econômica de Bragança, o material de maior destaque nas exportações foi a farinha de mandioca, a qual a cidade se destacava como uma das maiores produtoras no Pará. Durante o período da alta exploração da borracha a farinha foi demasiadamente exportada às áreas de exploração a fim de servir como alimentação aos trabalhadores dos seringais.

Uma outra questão significativa nos argumentos de Oliveira (2015) é a visão que se tinha sobre a paisagem da região, vista como um paraíso a ser explorado, posto ser um local de grande fartura e de rica biodiversidade que atraem visitantes, principalmente os citadinos, que em feriados e finais de semana costumam se deslocar para o campo em busca de lazer e sossego das grandes metrópoles. Contudo, para o autor, os idealizadores da obra não pensaram na possibilidade de essa interferir nas atividades dos trabalhadores do manguezal, homens que viviam da natureza, que entravam e circulavam em meios às árvores de mangue, lidando com uma série de dificuldades para sustentarem suas famílias, esquecidos pelos governos, mas nem por isso menos importantes à dinâmica econômica de Bragança. Eles cotidianamente saem de seus lares, levam consigo alguns equipamentos, o suficiente para as empreitadas diárias, cujo fim é a captura de caranguejo. Em suas relações sociais forjou-se a constituição de dois sujeitos sociais fundamentais: o coletor e o marreteiro, duas personagens que ora se aproximam pela necessidade de sobrevivência, ora

se afastam em função das relações conflitantes e de poder que constituem em suas interações sociais.

Dinâmica comercial: o coletor x marreteiro

Em meio a entrada diária de uma série de trabalhadores ao manguezal, uma questão fundamental é compreender a relação de dependência do coletor para com o marreteiro, as principais personagens dessa trama, que estão ligadas à labuta cotidiana no manguezal. Esses sujeitos sociais estão diretamente envolvidos no ciclo comercial do caranguejo, e circulam constantemente na espacialidade, todavia abrangem funções diferentes. O coletor é o extrator do caranguejo, ele é quem vai diariamente ao manguezal. Esse personagem social é geralmente um morador da comunidade de Bacuriteua, em geral uma pessoa que depende dos recursos do ecossistema para sobreviver.

O marreteiro, por outro lado, se apresenta como o comprador da produção realizada pelo coletor. Ele é o responsável por revender o produto ao consumidor ou, em muitos casos, a outro comerciante que se encarrega de oferecer no mercado final. Esses dois sujeitos sociais estão diretamente envolvidos na comercialização do caranguejo em toda a região em análise, no entanto, é importante observar que essa relação está para além de uma simples permutação comercial, o que há entre eles é uma relação de dependência. Essa emaranhada relação é demarcada por Reis (2007), ao estudar os trabalhadores do manguezal que residem em Acarajó (comunidade próxima de Bacuriteua), a autora concluiu que além da dependência comercial, há também relações de parentescos entre ambos, haja vista que os comerciantes em muitas as vezes são primos, tios e compadres dos “tiradores”.

Ela afirma ainda que os coletores comumente pedem dinheiro emprestado aos marreteiros, fato esse que ocorre em alguns períodos da vida, a saber: 1ª) quando estão doentes e não podem trabalhar; 2ª) em tempos de proibição da captura do caranguejo (defeso) pela lei 3.181 de novembro de 1998, uma vez que o crustáceo está em período de reprodução (andada); 3ª) e também pelas dificuldades do trabalhador em custear as despesas materiais para sustentar suas famílias. Mediante essas condições, eles emprestam a crédito, sendo pagos quando do retorno ao trabalho. Ao retornar para a labuta o coletor está endividado e grande parte de sua produção cotidiana é entregue *in natura* ao marreteiro, que mantém com ele um laço de dependência econômica. Esse tipo de relação é caracterizado como aviamento, denominação dada à antiga relação comercial praticada na época da alta exploração da Borracha na Amazônia (1789-1920) (REIS, 2007).

Com efeito, a questão fundamental é perceber a historicidade dessa relação de trabalho, isto é, atentando a como isso se processou nos últimos anos. Para compreender essa realidade esforços foram feitos no sentido de manter diálogo com sujeitos da localidade a fim de perceber, por meio das lembranças compartilhadas, as razões do crescimento da intensificação desse laço, buscando compreendê-lo a luz das mudanças na natureza que ocorreram a partir da década de 1970, em decorrência dos projetos de urbanização, do crescimento populacional e do aumento das relações capitalistas.

Uma questão mister no decorrer dessa pesquisa foi tentar perceber quem têm maiores vantagens nas relações comerciais, o coletor ou o marreteiro? Sobre isto o trabalhador Valeriano Silva da Costa, de 65 anos, casado e pai de 11 filhos, quando perguntado sobre quem ganha “mais” nas trocas comerciais, respondeu que:

Pra mim é o marreteiro, porque o marreteiro, o serviço dele é só pegar o que já tá pronto, né, e a gente ainda vai fazer pra entregar pra ele né, porque ele não, já pega já tá todo pronto, só pegou chegou lá vendeu, não tem, o serviço dele é fazer uma forcinha pra pegar aquele caranguejo, não é que nem o da gente, porque o serviço, o serviço pesa, cansei de trazer foi 12 cambadas de caranguejo, 6 daqui e 6 daqui. Chegou lá butou dentro do carro, é só chegar lá, pegou o caranguejo butou dentro do carro⁴.

As palavras do experiente trabalhador mostram a interação entre as duas personagens sociais. Ele considera o serviço do coletor demasiadamente árduo em comparação ao do marreteiro, já que os pontos observados estão relacionados às dificuldades na coleta do caranguejo, as cotidianas idas e vindas ao manguezal, a dificuldade de colocar o braço na lama e retirar o crustáceo, somando a travessia na floresta de mangue carregando nos ombros as cambadas (14 caranguejos amarrados a um fio). Esses aspectos tornam a labuta muito cansativa. O marreteiro, na visão do entrevistado, não vivencia esse processo, seu serviço é apenas comprar o crustáceo e o revender no mercado. Eles costumam esperar os coletores nos pontos de desembarque e compram o material.

⁴ Entrevista concedida pelo senhor Valeriano Silva da Costa, 62 anos. Bacuriteua, 23 de maio de 2011.



Figura 01 - Chegada dos tiradores de caranguejo
Fonte: REIS, 2007.

Uma questão essencial nessa reflexão é descortinar quem são os marreteiros? Eles geralmente são moradores da comunidade ou residem em lugarejos próximos. Muitos, todavia, vivem em Bragança. Semanalmente esperam os mariscadores chegarem do mangue nos pontos de desembarques. Os lugares específicos são os furos que tangenciam a rodovia PA 458, quais sejam o Furo da Ostra, o Furo do Café, o Furo Chato, o Furo Grande e o Furo da Estiva. Estes são pontos onde os coletores cotidianamente chegam com as cambadas de crustáceos. Por serem estes os locais rotineiros de desemboques, os marreteiros os esperam e compram a produção. A partir de então é hora de realizar os deslocamentos, isto é, sair em busca de mercado.

Um aspecto importante a saber é que entre os próprios marreteiros há relações específicas de poder, uma vez que existem os marreteiros e os marreteiros-patrões. Os patrões são os proprietários de automóveis, eles são os responsáveis pelas viagens que conduzem os marreteiros para os locais de venda. Além dos ganhos nas vendas do caranguejo, eles também recebem parte do dinheiro pelos serviços prestados aos marreteiros. Além disso, costumam ser donos de tavernas, barcos, padarias e outros bens que se fazem presentes na comunidade.

Reis (2007), em uma pesquisa sociológica, procurou entender as atividades de compra e venda do caranguejo aos finais de semana na Vila de Acarajó, onde essa prática é

realizada por um comerciante (dono de um caminhão) que compra e transporta a mercadoria para outras cidades como: Belém, Paragominas e Ananindeua. Esse sujeito social comumente negocia a mercadoria com um marreteiro ou com os próprios coletores e as exporta, sendo conhecido, pelos trabalhadores, como um patrão que realiza transações comerciais com os próprios marreteiros da localidade. Em compensação alguns marreteiros, muitas vezes, vendem as campadas em suas bicicletas e não mantêm laços com o patrão. Essa distinção não é muito clara entre os coletores, que costumam denominar “patrão” a todos os marreteiros. Oliveira (2012, p. 07) considera que o termo “patrão” refere-se aos compradores com quem eles mantêm os vínculos preferenciais, a saber:

Seja porque lhes forneceu algum crédito, ou porque utilizam a embarcação dele para se dirigirem ao manguezal, situação em que há compromisso de venda ao patrão. O marreteiro é o intermediário de produtos pesqueiros, independente de atuar como patrão ou de comprar de quaisquer fornecedores.

O marreteiro, nesse sentido, mantém relação tanto com o coletor quanto com o patrão. Algumas vezes esse paga o frete do carro àquele para poder vender sua produção. Outras vezes, porém, ele vende ao patrão a produção já comprada do coletor. A questão fundamental nessa análise é considerar a relação de dependência dos coletores para com os marreteiros. É sabido que estes poderiam ganhar mais se vendessem suas produções diretamente ao consumidor, haja vista que poderiam determinar o preço da produção. As observações apontam que a dependência pode ser justificada, além, obviamente, das dívidas que já são contraídas antes de ir ao mangue, também em razão das dificuldades e do cansaço encontrados no bojo do manguezal.

Os coletores costumam entrar para a labuta pela parte da manhã, isso varia de oito as nove horas, é no momento em que a maré está “seca”, quando o mangue está “desalagado” e o trânsito humano ocorre tranquilamente. O trabalho precisa ser feito o mais breve possível em meio às árvores de *Rhizophora mangue*, *Laguncularia Racemosa* e *Avecennia Germinas* (espécies predominantes). Os passos têm de serem cautelosos por meio de raízes para evitar os ferimentos, já que as braçadas na toca do caranguejo provocam nos trabalhadores severos cansaços, os deixando exaustos fisicamente. Eles costumam começar o trabalho entre 07 e 8 horas da manhã, o tempo trabalhado varia entre oito e nove horas. Quando saem da natureza, duas ou três horas da tarde, não têm condições de continuar a atividade, “querem é voltar para a casa e descansar”. Nessas horas o melhor é vender toda a produção e conseguir o dinheiro necessário para a sobrevivência.

A inevitabilidade da existência do marreteiro foi relatada pelo Senhor Reinaldo Cunha, 36 anos, morador de Bacuriteua, casado e pai de 02 filho. Ele contou que há 18 anos

trabalha como coletor de caranguejo, e que criou seus filhos graças aos recursos que extrai da natureza. Ao ser perguntado sobre a função do marreteiro em sua labuta cotidiana, respondeu que:

O marreteiro aí pra nós, não era pra existir o marreteiro né, era nós mesmo pra tirar nossa produção, e nós mermo fosse vender, mais no caso aí já tem o marreteiro, é igual que nem comprar peixe, já tem o marreteiro do peixe, tem o do caranguejo, e nós se ó, se nós vender uma campada de caranguejo hoje em dia pro marreteiro de 6 reais, lá estão ganhando o dobro de que nós ganha, já vende de 12 a 15, que nem eu já cansei de ver. Quer dizer que eles já ganham dinheiro ali (...) o recurso é esse, porque se nós tira o caranguejo hoje aí a gente não vai trabalhar, vai vender o caranguejo, aí se já perde um dia, porque a gente tem conta em loja, se atrasar uma conta em loja, eles veem na porta da gente, e é coisa que eu não gosto, os outro vim na minha porta cobrando o meu dinheiro, eu gosto de fazer minhas coisas tudo certinho⁵.

O senhor Reinaldo falou da função do marreteiro no trabalho diário e considerou que o mesmo seria desnecessário na cadeia produtiva. Obviamente os trabalhadores poderiam vender o que produzissem no mercado sem necessariamente terem que contar com a interferência dos intermediários no processo da produção. Todavia, na fala desse sujeito social, percebe-se que o tempo e a insegurança quanto à possibilidade de fracasso nas vendas diretas ao consumidor fazem com este permuta a produção logo.

O senhor Reinaldo também discorre sobre suas necessidades econômicas, das obrigações em pagar as dívidas pessoais, somadas ao tempo para vender, o que deixam os trabalhadores inseguros quanto a possibilidade da não rentabilidade monetária, ao mesmo tempo em que demarcam os ganhos que o marreteiro tem nas trocas, lucrando praticamente o dobro do que recebe o coletor. Apesar disso, sua oferta não é recusada. A explicação para a permanência dessa interação são as condições materiais do trabalhador, assim, as dificuldades e as incertezas impulsionam a comercialização imediata do caranguejo, o dia é cansativo e é necessário que se “ganhe dinheiro o quanto antes”.

A conversa com esse colaborador foi importante para perceber que existem, além dos laços comerciais, relações de compadrios entre as personagens. Ele citou um fato de sua vida, quando furou seu pé no “mangal”, ficando impossibilitado de realizar o labor. Mediante essa situação, ele fez alusão a seu primo, que lhe ajudou quando estava doente.

O colaborador classifica os marreteiros como bons e maus. Os bons ajudam os trabalhadores nos momentos de dificuldades, esquecem as dívidas que lhes devem, e os auxiliam. Essa relação pode ser pensada como um meio de proteção via laço de parentesco, uma vez que o trabalhador menciona, ao falar dos marreteiros bons como primos ou compadres. As lembranças do Senhor Reinaldo são importantes para escutar a

⁵ Entrevista concedida pelo senhor Reinaldo Cunha, 36 anos. Bacuriteua, 21 de junho de 2010.

funcionalidade do marreteiro, apesar da disparidade nos ganhos, ele aparece como alguém que ajuda nas horas difíceis da vida, vislumbrando-se como um “protetor”.

As narrativas que o trabalhador fez descrevem que os marreteiros não existem apenas no ciclo produtivo do caranguejo, pelo contrário, os mesmos se fazem presentes também em outras lógicas de trabalho existentes na Zona Costeira de Bragança, como a venda do peixe, do sururu e do camarão, obviamente recebendo outra denominação, qual seja, a de “atravessador”.

As conversas com os trabalhadores mais experientes mostram que essa relação já existia quando começaram a laborar, todavia, a mesma teria se intensificado na década de 1990. Na década de 1970 os trabalhadores iam ao manguezal, coletavam e vendiam o caranguejo ao consumidor, muitos, inclusive, utilizavam o crustáceo apenas para o consumo familiar (pesca tradicional). É mister atentar a essas mudanças, o que fez com que houvesse maior dependência ao marreteiro? Alguns pontos podem ser elencados como possibilidade para isso. No caso de Bacuriteua, há de se considerar a criação e o funcionamento da estrada Bragança Ajuruteua, pois a via permitiu abrir caminho para intensificar a entrada de trabalhadores, assim sendo, com o aumento de pessoas no manguezal a relação comercial tendeu a ficar mais complexa. O grande número de pessoas trabalhando teve como consequência negativa a diminuição da quantidade de caranguejo, apesar de os coletores reconhecerem que o acesso melhorou. Não obstante, essa explicação não é geral, haja vista que em outras localidades da Região Bragantina, o número de marreteiros também se ampliou nos últimos anos.

É possível que a explicação para o crescimento seja a pressão do mercado consumidor, isto é, as demandas cresceram muito nos últimos anos, principalmente em decorrência do aumento populacional, assim, diante da necessidade de consumo os coletores não tiveram mais como escapar das especulações dos marreteiros. As fontes expressivas nesse sentido foram as lembranças do Senhor André Tavares da Gama, quando relata que em seu tempo “não tinha quase marreteiro”. Casado e pai de 07 filhos, esse colaborador rememorou as mudanças que ocorreram com relação a forma de se trabalhar no manguezal, em uma longa conversa em sua casa em Bacuriteua. Ele lembrou que há 40 anos atrás as coisas eram muito diferentes, tinham poucos marreteiros, e os próprios trabalhadores vendiam a produção na feira livre de Bragança. No entanto, nos últimos anos houve um crescimento significativo de pessoas trabalhando no manguezal, com o aumento do número de marreteiros tornou-se inevitável as compras destes.

Quando compara os dois tempos (presente-passado), isto é, quando era coletor, o senhor André considerou que naquele tempo as coisas eram piores, o deslocamento era

ruim, tudo era feito de canoa a remo. Por classificar o pretérito de difícil o entrevistado pondera a presença do marreteiro como um benefício, em função especialmente, das vendas passarem a ocorrer com “maior facilidade” e intensidade:

Falar a verdade é preciso, esse marreteiro pra mim é melhor, porque é como estou lhe dizendo, e vou lá, não vendo, eles que compram, aí pra mim facilitou mais. O marreteiro já tá esperando pra comprar o caranguejo, aí ele vai chega, quantas peras são? É 10, 5, 6 né! Aí vai dá tanto, aí quanto é que o senhor vai pagar? Cinco não dá! Aí a gente diz “é o jeito vender!”⁶.

O colaborador, em alguns momentos das lembranças relata o marreteiro como uma figura positiva na transação, na qual sua presença é inevitável na atual conjuntura. Eles se vislumbram como comprados, chegam junto ao trabalhador e especulam as trocas. Ao mesmo tempo o Senhor André menciona que tudo poderia ser diferente caso os trabalhadores tivessem apoio, como, por exemplo, um veículo que os conduzissem para a comercialização. Nota-se que a ausência de organização política dos coletores, somadas às dificuldades de locomoção possibilitou o crescimento da especulação do comerciante.

Embora a presença do marreteiro seja inevitável, pelo menos em Bacuriteua, alguns trabalhadores impõem resistência a essa prática. Ou seja, mesmo com todo o cansaço, optam por vender a produção. Esse tipo de resistência foi observado na entrevista com o Senhor Benedito Pereira⁷, aos 73 anos, aposentado, ele contou que preferia sair vendendo sua produção por Bragança, lembrou que saía em sua bicicleta pela cidade sempre que chegava do manguezal. Sua visão sobre o marreteiro é negativa, reconhecendo que os coletores têm desvantagens nas trocas, o qual expressa que eles “querem se aproveitar (...) querem se aproveitar das coisas do trabalhador”, em função disso, saía pelas ruas a procura de freguês. Evitava pedir, ou seja, se endividar. Esses argumentos são cruciais para notar que há trabalhadores que resistem a dependência, alguns, mesmo diante do cansaço, optam por venderem diretamente ao consumidor, embora o senhor Benedito reconheça que vez ou outra vendia ao intermediário.

Um ponto fulcral nas vendas aos marreteiros é a consideração por parte dos mariscadores de que o caranguejo é um “animal” de pouca resistência, costuma morrer rapidamente, por isso é necessária sua venda a mais breve possível. Com base nessa necessidade é que os compradores intermediários se fazem presentes. Os coletores procuram ganhar logo o dinheiro, mesmo sendo de pouca quantidade. Essa situação foi considerada pelo senhor Orisvaldo Tavares da Silva (O seu Fuzil), que há 30 anos trabalha como marreteiro. Quando do diálogo em sua residência ele lembrou que começou a

⁶ Entrevista concedida pelo senhor André Tavares da Gama, 57 anos. Bacuriteua, 12 de maio de 2010.

⁷ Entrevista concedida pelo senhor Benedito Pereira de Souza, 73 anos. Bacuriteua, 04 de fevereiro de 2012.

trabalhar como coletor, exerceu tal função durante cinco anos, depois a deixou, passou então a ser marreteiro.

Em sua mentalidade há perspectivas verossimilhantes as dos senhores André, Manuel e Benedito, de que a dinâmica no manguezal era diferente da atual. Segundo o colaborador o número de pessoas era reduzindo, o mangue era “fechado”, o tempo em seu interior era maior, as viagens eram longas e o número de pessoas na labuta era reduzido em relação ao presente. Embora ciente do crescimento da exploração da natureza, ele desconsiderou a possibilidade de extinção do crustáceo, pois ponderou que este foi deixado por Deus e por isso “nunca se acaba”. O interessante na entrevista do trabalhador é que ele iniciou a atividade como coletor, posteriormente passando a se dedicar a atividade a qual denomina “marretagem”. Seu testemunho denota que há coletores que passam a exercerem outra atividade. O argumento do trabalhador comunga com a ideia de Reis (2007), de que os coletores têm desejos de se tornarem patrões. No caso do Senhor Fuzil ele conta com o auxílio de seu filho, proprietário de um automóvel que conduz os trabalhadores às cidades para venderem o crustáceo. No entanto, para o entrevistado a “marretagem” também tem perdas:

Teve, sempre teve que a marretagem é a seguinte, a marreta da gente, pode ser de caranguejo, de peixe também, pode ser de qualquer marreta ele dá, dá, quando não dá, também dá prejuízo, o cara não vai viver só de lucro, tá entendendo, ele se ver do prejuízo também, porque se ele for viver só do lucro, ele empina rapidinho, então ele participar do lucro e repartir do prejuízo que as vezes dá um prejuízo, tem que aguentar o barranco⁸.

O trabalhador lembrou que os compradores não escapam das perdas nas investidas diárias. Os prejuízos enfatizados por ele estão relacionados aos choques nas viagens, ao fato de que os caranguejos costumem morrer durante o trânsito, o que causa aos comerciantes perdas significativas. Há ainda a possibilidade de a venda ser “baixa”, e conseqüentemente conseguirem uma arrecadação irrisória. Essa situação costuma causar preocupação aos marreteiros, que além do sustento familiar, tem que pagar o frete do carro. A fonte é expressiva, pois mostra que tanto o coletor quanto o marreteiro têm ganhos e perdas nas interações, mas que são dependentes economicamente. Com efeito, é possível notar que eles representam a dinâmica cotidiana na economia de Bragança e do Nordeste do Pará.

O importante nisso é observar, além das relações de sociabilidade e de proteção construídas entre as duas personagens sociais, também o vínculo histórico com a natureza. O manguezal é um ponto específico onde há interações econômicas e socioculturais diariamente, é o lugar onde os homens circulam, trabalham para criarem seus filhos,

⁸ Entrevista concedida pelo senhor Orivaldo Tavares da Silva, 52 anos. Bacuriteua, 03 de maio de 2011.

compram os meios para suas necessidades básicas. Assim, os mangues não são simplesmente florestas isoladas, são pontos de encontros e desencontros, de reiterações de valores e saberes transmitidos por meio da cultura oral. Esses sujeitos sociais, por suas condições materiais, emprenham-se no meio das florestas na busca por crustáceos, criam variadas táticas de sobrevivência, como uso do gancho, instrumento utilizado para retirar os crustáceos dos lamaçais; o rancho, pequena residência de pau a pique usada para o descanso quando se passa a noite no local de trabalho. Os homens que lutam cotidianamente pela sobrevivência, construíram vínculos com a natureza, interações que são denotadas em suas visões de mundo.

Considerações finais

Neste artigo discutimos a interação entre o coletor e o marreteiro, duas personagens sociais indissociáveis nas trocas comerciais do caranguejo em Bacuriteua, as mesmas se apresentando como dependentes. Ao primeiro as vantagens se dão em circunstâncias relativas à possibilidade do cansaço e das incertezas quanto às baixas nas rendas, afóra as necessidades do cotidiano, onde o “patrão” vislumbra-se, em algumas vezes, como um protetor que auxilia nos momentos difíceis da vida dos trabalhadores. Ao segundo as vantagens estão ligadas às vendas no mercado, embora alguns marreteiros reconheçam que também têm perdas, seus ganhos são significativamente maiores que os dos coletores, principalmente quando são donos de automóveis, pois podem transportar toda a mercadoria sem precisar pagar o frete como ocorreria em caso de não terem veículos.

O historiador preocupou-se em atentar, por meio das narrativas dos sujeitos sociais, às mudanças que ocorreram nas práticas de trabalho no manguezal nas últimas décadas do século XX, o estudo mostrou que o crescimento da relação com o marreteiro está relacionado ao aumento da dinâmica comercial em função do aumento da quantidade de pessoas coletando caranguejo, os fluxos das novas demandas relacionam-se ao aumento da exploração da natureza.

"IT'S THE WAY TO SELL": COLLECTORS, MARRETEIROS AND WORK IN THE MANGROVE IN BACURITEUA (PARÁ - BRAZIL, 1975-2010)

Abstract: This article discussed the business relationship between the collectors (shellfish) and the traders (buyers) in the productive cycle of land crab, *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) in Bacuriteua Village, Para State in the Northeast. The study is important because in recent years, public policy function created in the 1970s for the development of regional eco-tourism, the mangrove, where these social characters work, was affected by urbanization projects, which enabled the expansion the number of people the work in this ecosystem. Thus, the text discusses the changes in economic interactions of social subjects residing in the locality in question.

Keywords: Mangrove. Collectors. Marreteiros. Economic interactions. Ecotourism.

Referências

ALVES, Alexandre de Brito. Estrada Bragança-Ajuruteua e a percepção dos trabalhadores do manguezal (1975-1991). In: Revista A Palavrada, Bragança, v.05.n.05, p. 26-39.

CAMPOS, Ipojucan Dias. História e Natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no manguezal (Bragança – PA, 1980 a 1990). Revista Margens (UFPA), v.07, p. 69-87, 2013.

_____. Cotidiano no manguezal: coletores e estratégias de sobrevivência na natureza, Bacuriteua-Pará (1975 – 1990). In: Revista História Oral, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 131-157, jan.-jun. 2012

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral no século XXI. In: História Oral Desafios para o século XXI. (Org.). Maneta de Moraes Ferreira; Tânia Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 30-45.

LINNAEUS, C. Species Plantarum. Vol. 2. 1763.

MANESCHY, Maria Cristina. Sócio Economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES, M. E.B. (Org.). Os Manguezais da Costa Brasileira. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2003.

MESQUITA, Silvana S. A. *et. al.* Composição, ocorrência e distribuição das hidromedusas no estuário do rio Caeté, litoral do estado do Pará. In: Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Naturais, Belém, n. 3, v.1, p.113-119, set-dez. 2006.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale. “É de quem chegar primeiro”: territorialidades entre os tiradores de caranguejos da vila de Bacuriteua, Bragança/PA. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil. 04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

OLIVEIRA, Marcus Vinicius Cunha. A estrada para o “progresso”: política, cultura e natureza em Bragança, Pará (1970-1996). Monografia apresentada à Faculdade de História, na Universidade Federal do Pará (UFPA), 2015.

PEREIRA, Ana Paula Fernanda Guimarães; ANDRADE, Fernanda Atanaena Gonçalves; FERNANDES, Marcus Emanuel Barroncas. Dois anos de monitoramento dos

atropelamentos de mamíferos na rodovia PA-458, Bragança, Pará. In: BOL. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Naturais, Belém, v.1, n.3, p. 77-83, set-dez.2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: Projeto História, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

REIS, Maria Regina Ribeiro. A tiração de caranguejos nos fins semana e o comprometimento da biodiversidade. In: Revista Amazônia. Banco da Amazônia, Belém, v. 3, n. 5, jul. /dez. 2007.

SILVA, Dário Benedito Rodriguez Nonato da. Os donos de São Benedito: conversões e rebeldes na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA), 2006.

SOFFIATI, Arthur. Da mão que captura o caranguejo à globalização que captura o manguezal. In: II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba, 2004.

VANNUCCI, Marta. Os manguezais e nós: uma síntese da percepção: Editora da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2002.

WOLFF, M.; KOCH, V.; ISAAC. A trophic flow model of the Caeté Mangrove Estuary (North Brazil) with considerations for the sustainable use of its resources. In: Estuarine Coastal. Shelf Science. v. 50, p. 789-803.

SOBRE O AUTOR

Alexandre de Brito Alves é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Recebido em 14/09/2015

Aceito em 30/11/2015